



## Um Caminho Particular

### Description

## por Rolland Bermann

O RER é, portanto, um caminho particular, um caminho específico dentro da Maçonaria. Ele não convém a todos, nem deveria, pois, esse caráter eminentemente cristão não pode, entretanto, ser confundido com algum tipo de ostracismo. Seria um erro grave e um sinal de total incompreensão. Contudo, isso lhe valeu muitas críticas. Diz-se que ele é restritivo, até mesmo sectário, praticando a exclusão porque afirma essa condição de cristão. Mas seria conveniente definir precisamente o que se entende por 'cristão'. Isso não é possível antes do quarto grau, e posso, neste breve relato, oferecer uma definição sintética em uma frase: O cristianismo do Rito busca ser independente de toda Igreja constituída. "*Nossas Lojas não são escolas de catolicismo*", escrevia Willermoz ao pastor Salzmann, "portanto não dogmáticas e em muitos aspectos anti-conciliares", o que aparecerá claramente um pouco mais adiante em meu argumento. Em resumo, este rito nos diz que, em relação às outras culturas religiosas que nos precederam e nos alimentaram, somos depositários de um "algo a mais" transmitido por Cristo, mas isso sem negar que cada religião possui uma parte da Verdade e que nenhuma religião tem o monopólio exclusivo da Verdade. Apenas o Eterno possui o conjunto e a realidade da Verdade. Essa convicção não nos dá o direito de autossatisfação ou de soberba, mas nos impõe deveres adicionais.

Nossa abordagem iniciática retificada não está separada de nossa fé, seja qual for a forma como a formulamos, e nisso reside uma diferença importante em relação a outros Ritos. Por que seria ela separada? Alguns de nós encontraram ou reencontraram a fé na jornada iniciática. Outros enriqueceram sua fé por meio dessa jornada. É a mesma natureza: uma jornada iniciática real e vivida com sinceridade diz respeito ao homem em sua totalidade, e a fé de um homem não pode ser um elemento separado de seu ser profundo. O RER (Rito Escocês Retificado) nos chama a um caminho ascendente, estreito e difícil, sem jamais nos dar a certeza de alcançar o cume da montanha. Talvez seja por isso que a fórmula de cada um dos compromissos que assumimos ao longo de nossa vida maçônica termine com a frase: "Que Deus me ajude."

Para compreender melhor o que vai seguir, é preciso também saber que os três primeiros graus deste Rito foram finalizados em menos de 20 anos por seus fundadores e que, desde então, praticamente nada foi alterado; isso explica sua absoluta coerência e a evidente metodologia pedagógica que é utilizada. Mas é preciso também ter consciência de que este Rito tem uma origem tripla e busca suas fontes em:

- O substrato maçônico clássico, ou seja, a Maçonaria antes dos Ritos “constituídos”, ou seja, os proto-rituais franceses de 1730 que darão origem ao Rito Francês.
- A EOT, por seu aspecto cavaleiresco e pela noção de filiação espiritual com a Ordem do Templo, que realmente não aparece além do 4º grau. O espírito de cavalaria existe desde sempre no coração do homem, apelando para o que há de melhor em termos de abnegação, amor, respeito por si e pelos outros, de honra e coragem.

A doutrina da Reintegração dos Seres, de Martinez de Pasqually, apresentada em seu tratado de mesmo nome e desenvolvida pelos Cavaleiros Maçons Eleitos Coëns do Universo, com sua teosofia, sua mística e seu enfoque metafísico.

Para compreender a natureza e a finalidade deste Rito, será necessário imbuir-se do espírito e da mentalidade do século XVIII e atribuir às palavras o sentido que tinham na época. Será preciso estudar atentamente:

- Os Rituais
- As diversas Instruções e Regras
- A volumosa correspondência dos fundadores

Depois, avançar até o 4º grau, o último dos graus puramente maçônicos e preparatórios à Ordem Interior, falsamente considerado como constituído de altos graus, pois é de uma natureza completamente diferente. Isso exige uma soma considerável de trabalho, mas imprescindível.

Dessa tripla origem do Rito Retificado resulta uma sobreposição de significados que nem sempre é fácil de discernir. Estamos permanentemente diante de uma mistura dessas três fontes, incluindo elementos subjacentes à teosofia de Martinez de Pasqually esclarecida pelos primeiros escritos do Filósofo Desconhecido, Louis-Claude de Saint-Martin, elementos frequentemente atenuados ou omitidos por Jean-Baptiste Willermoz, que eliminou tudo o que era de natureza teúrgica. Esses elementos aparecem, aliás, nos graus superiores, apresentados de forma indireta e velada sem a menor explicação, e isso por várias razões, sendo uma delas, e não a menor, o contexto social de uma época em que era arriscado adotar posições teológicas não conformes às da Igreja.

Porém, encontraremos algo disso quase transparente nas Instruções aos Grandes Professos, mas, volto a dizer, de forma ainda parcial e atenuada, pois a explicação constitui, ou deve constituir, o próprio trabalho das “conferências” desta classe considerada secreta. Mas por mais velados que sejam, eles não deixam de ser um dado essencial para a compreensão do Rito e de seus componentes.

Para esclarecer isso, vou tomar um exemplo simples e concreto: O quadro do primeiro grau. Ele apresenta uma coluna quebrada e truncada, mas ainda erguida em sua base com o lema *Adhuc Stat*.

Este quadro nos chega diretamente da Estrita Observância Templária, onde era usado com este mesmo lema dentro de uma representação gráfica estritamente idêntica, mas, se foi retomado em sua aparência no Rito Escocês Retificado (RER), seu significado foi totalmente alterado. Para a Estrita Observância Templária, ele significava: 'A Ordem do Templo está decapitada, mas o tronco permanece. Todas as esperanças são permitidas.' O ato de renunciar à sucessão da Ordem do Templo, adotado em Wilhelmsbad em 21 de agosto de 1782, marca a ruptura ideológica dentro da continuidade formal. Na realidade, substituiu-se a doutrina da reintegração de Martines de Pasqually pela ideologia da restauração templária. Por esse motivo, para o Rito Retificado, o significado inicial do quadro tornou-se: 'Todas as esperanças são permitidas; o homem está caído, mas ainda possui o poder e a possibilidade de viver em seu princípio e os meios para retornar.' Isto nada mais é que é uma clara alusão à doutrina da Reintegração segundo Martines de Pasqually é o fragmento seguinte da Instrução por P&R do grau de A?, que diz sem rodeios:

P: Qual é o símbolo do grau de Aprendiz?

R: Uma coluna quebrada e truncada no topo, mas firme na sua base, com este lema: Adhuc Stat.

P: O que significa este emblema com seu lema?

R: Que o homem está degradado, mas que ainda lhe restam meios suficientes para ser restabelecido ao seu estado original, e que o maçom deve aprender a utilizá-los.

Isso será ainda mais claramente exposto posteriormente em outros graus. Notemos que a passagem da Instrução, desde este primeiro grau, dá a entender que esse "retorno" potencial não é gratuito, mas exigirá trabalho e esforço contínuos. Plotino (Enéadas I, 6) não dizia ele: "não pare de esculpir a própria estátua"?

Para ser ainda mais claro, citarei também as provas do A? pelos elementos; três elementos e não quatro, provas que devem ser lidas sem interpretação alquímica. O significado preciso dessas provas é verdadeiramente formulado apenas na instrução do grau de Mestre Escocês de Santo André, onde se diz:

"No primeiro grau de Aprendiz, após ter passado pela prova dos elementos materiais, figurativos daqueles nos quais o homem atual está incorporado, você logo reconheceu que havia caído no flagelo da 'inexorável justiça'."

Uma declaração pouco distante do que Maimônides escreveu em seu Guia dos Perplexos: "todos os obstáculos que impedem o homem de alcançar sua perfeição final, todas as vozes e tudo o que se liga ao homem, não vem do lado da matéria sozinha."

Não revelo nenhum segredo, pois falamos disso nas Lojas de A?. Encontramos ali, claramente, os ensinamentos fundamentais dos Eleitos Cohens. O termo “incorporado” é inegavelmente onipresente no Tratado da Reintegração dos Seres, sendo uma prova evidente. Assim, essas provas pelos elementos fazem clara alusão à “incorporação” do homem na matéria, consequência de sua prevaricação como castigo de uma falha muito distante. Segundo essa tese, essa incorporação é a condição remota do homem “atual”, o que deixa claro que isso não era assim em seu estadoprimal.

Esses dois exemplos apenas, entre muitos outros existentes, são suficientes, acredito, para explicar por que falo de transposição e das dificuldades de interpretação.

Mais complexo ainda, no RER existe um “esoterismo cristão” cuja análise, evidentemente, não pode ser o foco de nossas reflexões de hoje, mas que cada participante desse Rito deverá abordar em algum momento. Esse esoterismo, que de forma alguma exclui o caminho exotérico, encontra-se amplamente nos escritos dos Padres Apostólicos e dos autores do início da nossa era. Os cristãos dos primeiros séculos não hesitavam em falar de iniciação e de “*ensino reservado*”<sup>[1]</sup>. Além disso, não devemos esquecer o que Joseph de Maistre escreveu em As noites de São Petersburgo no 9º diálogo [2]: “*Todos aqueles que têm o menor conhecimento da Antiguidade sabem que o cristianismo, em seu berço, era para os cristãos uma iniciação.*” Ele apenas retomava Santo Agostinho (Retratações I, XIII, 3): É talvez por isso que em uma instrução de determinado grau aparece uma breve frase que não recebe atenção suficiente: “*As Lojas que a receberam [a iniciação primeira ou perfeita] conservaram até o século VI esses preciosos conhecimentos, e o esfriamento da fé é uma indicação clara de que, nessa época, a lembrança deles se enfraqueceu, e o que restou de iniciados se retirou para o segredo*”<sup>[3]</sup>. Essa frase, por estar em uma de nossas Instruções, onde nada é fortuito, deve nos conduzir a uma pesquisa e reflexão pessoal mais aprofundada do que habitualmente se faz sobre a natureza do cristianismo, tal como ele permeia nossos rituais, e ao estudo dos diferentes textos e documentos correspondentes.

Essa obrigação, de fato, é uma das razões pelas quais o RER é um Rito perigoso, e isso se provou ao longo do tempo pelas numerosas derivas que ele gerou. Para citar apenas um exemplo recente, o integralismo implementado é o último avatar conhecido com alguma relevância.

Digo que este Rito é perigoso pelo simples fato de que, se praticado de outra forma que não como “turista”, se buscamos algo além de uma formação intelectual, ou a satisfação de uma simples curiosidade, como deve lembrar imediatamente o Irmão Preparador: “Ele convidará a rejeitar qualquer motivo de uma curiosidade frívola que serviria apenas para desviar e afastar da verdade.” E mais tarde o Orador na Instrução do Grau: “Uma curiosidade vã poderia distraí-lo, uma falsa luz poderia desviá-lo”, este Rito, dizia, conduz a uma reflexão aprofundada sobre concepções essenciais, ousaria dizer ontológicas, e por isso mesmo frequentemente obriga a verdadeiras revisões de questionamento. Mas não está escrito: “Não vim trazer a paz, mas a espada” (Mateus 10,34; Lucas 12,51)?

Em outros ritos, cuja orientação é diferente e sobre os quais não faço o menor juízo de valor, trabalha-se de forma cultural, frequentemente quase universitária. No RER (Rito Escocês Retificado), a compreensão intelectual é acessória; embora útil, ela não basta para abordar o evento que é conduzir à iniciação. Com efeito, na iniciação maçônica retificada, é uma injunção, uma espécie de medida que nos é imposta, a de nos colocar em conformidade com o plano do Templo, representação do “homo

verus”, o homem verdadeiro, em posse da totalidade de seus estados. Para ser ainda mais preciso, eu diria que o eixo principal do RER é a natureza do homem, sua relação com o mundo e sua conexão com o Sagrado e o Divino. Esses pontos estão claramente expostos em diversos documentos fundadores que você encontrará sem dificuldade. O resultado, para quem se dedica, é, portanto, de toda outra natureza. É por isso que estou convencido de que não estamos suficientemente armados para não nos deixarmos levar por uma inflamação necessariamente negativa. Mas não é, mais uma vez, minha opinião pessoal construída ao longo de 28 anos de prática associada a este Rito. São essas especificidades, entre outras, que, infelizmente mal compreendidas, levaram o TRF Jean Murat a declarar em uma entrevista concedida à revista Initiations que o RER era um “rito desviante” (sic). Ele certamente não percebia que este Rito é bem anterior ao que ele defende e que, inteiramente elaborado em poucos anos, possui uma notável coerência.

<sup>1</sup> Sobre esse tema, veja as obras do cardeal Jean Daniélou, especialmente “A

Igreja dos Primeiros Tempos” (Seuil – Coleção Points História) e “Teologia do Judaico-Cristianismo” (Desclée – Cerf), bem como “A Igreja da Antiguidade Tardia”, de Henri-Irénée Marrou (Seuil – Coleção Points História).

<sup>2</sup> As Noites de São Petersburgo, 9º diálogo, vol. 2, p. 137, Trédaniel, 1980.

<sup>3</sup> Veja a esse respeito o artigo publicado em novembro de 2006 na revista do GPDB.

## Category

1. Público

CEPdoRER - Círculo de Estudos e Pesquisas do Rito Escocês Retificado